

O estabelecimento de relações de discurso como manobra discursiva no processo de gestão de faces e territórios em uma entrevista jornalística

The establishment of discourse relations as a discursive maneuver in the process of managing faces and places in a journalistic interview

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

**BRAGA, PALOMA
BERNARDINO**
palomabbraga@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

**BRITO, DANIEL
MARTINS DE**
danielmrtinsb@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:
Entrevista escrita;
Relações de discurso;
Processo de figuração.

RESUMO: Ao longo das interações, os interlocutores se valem de diversas manobras discursivas para atingirem seus objetivos comunicativos. Uma dessas manobras é o estabelecimento de relações de discurso para articular constituintes textuais com o objetivo de gerir faces e territórios. Sob esse prisma, o presente artigo investiga de que forma as relações de discurso interativas (argumento, contra-argumento, reformulação, preparação etc) atuam no processo de gestão de faces e territórios (processo de figuração) em uma entrevista escrita, publicada em 2019 na seção *Entrevista da 2ª da Folha de S. Paulo*, cujos participantes foram: Anna Virginia Balloussier (AVB), jornalista da Folha, e Marcello Crivella (MC), que, na época, era prefeito do Rio de Janeiro. Partimos da hipótese de que essas relações de discurso desempenham um importante papel no processo de figuração, atuando, assim, como recursos interacionais por meio dos quais os participantes da entrevista tentam alcançar seus objetivos comunicativos e negociar imagens identitárias. Para realizar essa análise, utilizamos como referencial teórico-metodológico o Modelo de Análise Modular do Discurso, uma abordagem cognitivo-interacionista que visa dar conta da complexidade discursiva decompondo-a em unidades menores.

KEY-WORDS:
Written interview;
Discourse relations;
Facework.

ABSTRACT: Throughout interactions, the interlocutors use different discursive maneuvers to achieve their communicative goals. One of these maneuvers is the establishment of discourse relations to articulate textual constituents in order to manage faces and territories. From this perspective, our article investigates how interactive discourse relations (argument, counter-argument, re-

formulation, preliminary, and so on.) are used on the facework of a written interview, published in 2019 in the interview section of the 2nd edition of *Folha de S. Paulo*, whose participants were: Anna Virginia Balloussier (AVB), a journalist of *Folha*, and Marcello Crivella (MC), who, at the time, was mayor of Rio de Janeiro. Our hypothesis is that these discourse relations play an important role in the facework, thus acting as interactional resources through which the interview participants try to achieve their communicative goals and negotiate identity images. To carry out this analysis, we used as our theoretical-methodological framework the Geneva Modular Approach to Discourse Analysis, which is a cognitive-interactionist approach that aims to account for discursive complexity by breaking it down into smaller units.

1. INTRODUÇÃO

1. Neste trabalho, a expressão “imagens identitárias” faz referência às noções de face e território, que foram propostas por Goffman. De acordo com o sociólogo anglófono, a noção de face diz respeito à “imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (Goffman, 2011, 13-14). Em outros termos, a face constitui a imagem que, baseada em valores sociais positivos, como responsabilidade, ética, honestidade etc., é reivindicada pelos participantes de uma interação. Por sua vez, a noção de território refere-se a um conjunto de elementos físicos e/ou simbólicos os quais constituem uma reserva pessoal que cada interactante possui e costuma preservar durante um encontro. Ainda, corresponde a um conjunto de direitos e desejos que cada interactante tem de não sofrer imposição do(s) outro(s) e de estar e permanecer em liberdade (Goffman, 1973).

2. Entrevista disponível integralmente em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/nao-atuo-como-bispo-evangelico-na-prefeitura-diz-marcelo-crivella.shtml>>. Acesso em: 09 mar.2022.

Em uma interação, diversas manobras discursivas são realizadas tendo em vista a gestão de imagens identitárias (faces e territórios)¹. Partimos da hipótese de que os interactantes produzam intervenções complexas de acordo com seus objetivos comunicativos e, ao produzi-las, valem-se da articulação de constituintes textuais para comentar, argumentar, reformular e até mesmo preparar o interlocutor para a próxima fala (Cunha, 2014), construindo conjuntamente imagens identitárias. Neste estudo, temos como objetivo analisar o papel que as relações de discurso interativas (argumento, contra-argumento, reformulação, preparação, etc.) desempenham no processo figuração — processo por meio do qual os participantes de uma interação utilizam recursos verbais com vistas a negociar imagens identitárias (Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001) — em um excerto de entrevista jornalística escrita².

Dessa entrevista, que foi publicada em 2019 na seção Entrevista da 2ª da Folha de S. Paulo, participaram dois interactantes: Anna Virginia Balloussier (AVB), jornalista da Folha, e Marcello Crivella (MC), que, na época, era prefeito do Rio de Janeiro. Para investigar o papel figurativo das relações de discurso no excerto dessa entrevista jornalística — ou seja, o papel que tais relações desempenham na gestão de faces e territórios entre entrevistadora e entrevistado —, adotamos como referencial teórico-metodológico o Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM), que será explicado em linhas gerais no próximo item.

A realização deste trabalho se fundamenta no argumento de que, de modo geral, como bem pontua Cunha (2015, 2020a, 2020b), os estudos sobre relações de discurso (ou, a depender da perspectiva teórica, relações textuais, relações retóricas, relações semânticas, etc.) têm como objetivo central descrever e analisar aspectos sobretudo informacionais e/ou estruturais dessas relações e de seus marcadores. Em outros termos, as abordagens dedicadas ao estudo do plano da articulação textual do discurso tendem a focalizar, por exemplo, as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas de conectores e/ou o papel das relações de discurso na construção de

BRAGA, PALOMA BERNARDINO & BRITO, DANIEL MARTINS DE; *O estabelecimento de relações de discurso como manobra discursiva no processo de gestão de faces e territórios em uma entrevista jornalística / The establishment of discourse relations as a discursive maneuver in the process of managing faces and places in a journalistic interview*

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 91-117

um texto coeso e coerente. No entanto, escapa aos interesses de tais abordagens investigar em que medida essas mesmas relações funcionam como recursos interacionais, isto é, como recursos de que os participantes de uma interação podem se valer para negociar faces e territórios (Cunha, 2015, 2020a, 2020b).

A decisão de estudar especificamente o excerto de uma entrevista jornalística escrita se justifica com o fato de inexistirem, no quadro teórico-metodológico do MAM, trabalhos que tomem esse tipo de atividade interacional como objeto sistemático de análise. A decisão de eleger uma entrevista escrita publicada pela *Folha de S. Paulo* para compor o *corpus* deste trabalho se deve ao fato de esse tipo de entrevista ser o objeto de estudo da pesquisa de mestrado de um dos autores.

2. MODELO DE ANÁLISE MODULAR DO DISCURSO

O Modelo de Análise Modular do Discurso, também conhecido como Escola de Genebra ou abordagem genebrina de análise do discurso, é um modelo cognitivo-interacionista desenvolvido por Eddy Roulet e sua equipe de pesquisadores na Universidade de Genebra (cf. Roulet et al., 1985; Roulet, 1980, 1986, 1987, 1988, 1991, 1992, 1996, 1997, 1999a, 1999b, 2003, 2004, 2006; Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001). Como ressalta Cunha (2014), o objetivo do MAM é descrever e explicar a complexidade discursiva dentro dos estudos da linguagem. Segundo o autor, para dar conta dessa complexidade, o modelo modular propõe uma integração das dimensões linguística, textual e situacional, o que permite que o analista decomponha o discurso em unidades menores e, em seguida, combine-as de acordo com suas necessidades de análise.

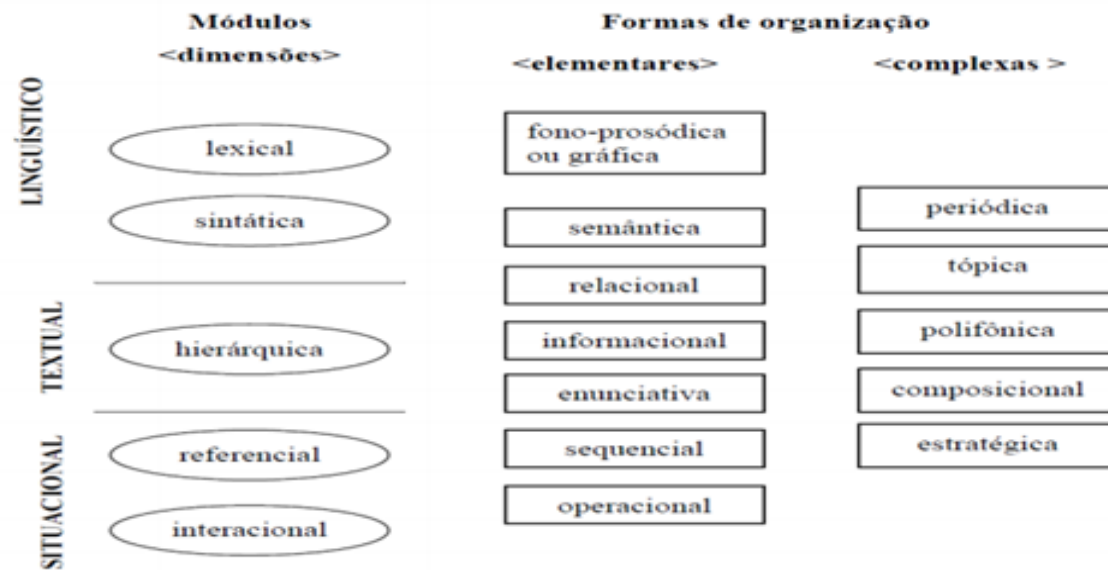
Essas unidades menores e mais simples são chamadas de módulos. De acordo com Cunha (2014, p. 30), “um módulo é definido como um sistema de informações elementares, o qual deve fornecer a descrição de um domínio específico da organização discursiva.” No MAM são propostos cinco módulos, a saber: lexical, sintático, hierárquico, referencial e interacional.

Da combinação dos módulos resultam as formas de organização elementares — são elas: fono-prosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, sequencial e operacional. Por meio da combinação entre módulos e formas de organização elementares, são geradas as formas de organização complexas, que podem ser classificadas como: periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica (Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001).

Essa arquitetura do modelo, que é constituída de módulos e formas organização, é sintetizada pelo esquema a seguir:

Figura 1 – arquitetura do Modelo de Análise Modular do Discurso

Fonte: Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001, p. 51.



Em resumo, conforme pontua Cunha (2014), o Modelo de Análise Modular do Discurso é um instrumento de análise da complexidade discursiva bastante abrangente e permite que o pesquisador faça combinação dos módulos e das formas de organização que mais sejam pertinentes para a pesquisa e para o *corpus* em análise.

BRAGA, PALOMA BERNARDINO & BRITO, DANIEL MARTINS DE; *O estabelecimento de relações de discurso como manobra discursiva no processo de gestão de faces e territórios em uma entrevista jornalística / The establishment of discourse relations as a discursive maneuver in the process of managing faces and places in a journalistic interview*

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 91-117

Dessa forma, tendo em vista que o objetivo deste trabalho é estudar o papel que as relações de discurso desempenham na gestão de faces e territórios em uma entrevista, seguiremos um percurso de análise específico para alcançar esse objetivo. A primeira etapa desse percurso é o estudo do módulo referencial, estudo por meio do qual descreveremos algumas propriedades situacionais do gênero entrevista.

A segunda etapa é o estudo da forma de organização relacional, cujo objetivo é identificar e descrever as relações de discurso que entrevistadora e entrevistado estabelecem nas perguntas e respostas que elaboram. Nessa etapa, nos valeremos de algumas noções propostas no módulo hierárquico, como as noções de processo de negociação e estrutura hierárquica.

A terceira etapa é o estudo da forma de organização estratégica do excerto da entrevista, cujo objetivo é analisar a gestão de imagens identitárias realizada pelos interlocutores durante a interação. Nessa etapa, explicitaremos em que medida o uso das relações de discurso constitui uma manobra discursiva que entrevistadora e entrevistado realizam para interagir, negociando faces e territórios.

3. MÓDULO REFERENCIAL E FORMA DE ORGANIZAÇÃO RELACIONAL: O GÊNERO ENTREVISTA JORNALÍSTICA

O módulo referencial corresponde ao estudo das relações que o discurso mantém com o mundo em que está inserido e o mundo que representa. Por meio desse módulo, entenderemos as propriedades do gênero entrevista jornalística. Desta forma, analisaremos as propriedades do mundo em que o discurso analisado, o gênero entrevista jornalística, se insere para que possamos entender, posteriormente, o papel desempenhado pelas relações de discurso interativas na gestão de faces e territórios no excerto da entrevista protagonizada por Anna Balloussier e Marcelo Crivella (Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001).

3. A entrevista coletiva, por exemplo, envolve várias personalidades entrevistadas (ou apenas uma) e diversos entrevistadores (Malta, 2015). Outro exemplo são as entrevistas de que participam vários entrevistados e apenas um entrevistador (Hoffnagel, 2002).

De acordo com Hoffnagel (2002), o gênero entrevista é caracterizado por dois papéis discursivos bem definidos: o de entrevistador, que se responsabiliza pela elaboração de perguntas suficientemente informativas, completas e esclarecedoras, e o de entrevistado, que se responsabiliza pela elaboração de respostas também informativas, completas e esclarecedoras. Nessa mesma perspectiva, Charaudeau (2013) defende a existência de apenas dois papéis tipicamente ligados à entrevista: o de questionador (entrevistador) e o de questionado-com-razões-para-ser questionado (entrevistado). Para os autores, mesmo quando há mais de dois interlocutores interagindo em uma entrevista³, ela é caracterizada por apenas dois papéis: o de entrevistador (ou questionador) e o de entrevistado (ou questionado-com-razões-para-ser questionado). No caso da entrevista jornalística, como a que é estudada neste trabalho, a interação entre entrevistador e entrevistado é observada pela presença de uma audiência (ou um público de leitores, ouvintes, (tel)espectadores) (Fávero & Andrade, 1998; Essensfelder, 2005). Assim, a interação é “especificada pelo contrato midiático: entrevistador e entrevistado são ouvidos por um terceiro-ausente, o ouvinte, num dispositivo triangular” (Charaudeau, 2013, p. 214).

Os dois papéis característicos do gênero entrevista definem as funções que eles normalmente realizam durante a interação. Assim, de modo geral, tal como sinalizam Schneuwly e Dolz (1999), o entrevistador inicia e fecha a entrevista, elabora perguntas, suscita a palavra do entrevistado, introduz novos tópicos e (re)orienta a interação; por sua vez, o entrevistado responde as perguntas do entrevistador, fornecendo-lhe as informações solicitadas. Assim, o gênero entrevista é tipicamente marcado por uma relação vertical entre entrevistador e entrevistado, relação essa que, conforme Kerbrat-Orecchioni (2006), é essencialmente dissimétrica (ou assimétrica).

Nessa relação dissimétrica, “o entrevistador controla a interação, seu direito de fazer as perguntas restringe não somente o que o entrevistado pode falar, mas em boa medida como pode falar” (Hoffnagel, 2002, p. 192). Em outros termos, o entrevistador ocupa, *a priori*, uma posição interacional superior em relação à posição ocupada pelo entrevistado, já que “ser responsável

pela abertura e pela conclusão das principais unidades conversacionais é igualmente considerado como o indicador de uma posição alta” (Kerbrat-Orecchioni, 2006, p. 72). A introdução de novos tópicos, que é uma tarefa tipicamente desempenhada pelo entrevistador, também marca a posição superior do entrevistado. Afinal, tal como afirma Kerbrat-Orecchioni, 2006, p. 74), ocupará uma alta posição interacional “aquele que conseguir impor a seu parceiro as escolhas temáticas [no decorrer do encontro]”.

Apesar de o entrevistador ocupar, *a priori*, um lugar interacional superior, não é possível afirmar que em toda e qualquer a entrevista esse lugar se mantém estático ao longo do encontro. Afinal, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 74), “a interação é um processo dinâmico, no qual nada é determinado de uma vez por todas”. Nesse sentido, a relação dissimétrica entre entrevistador e entrevistado não é estanque, podendo, por isso mesmo, constituir objeto de sucessivos ajustes ou até mesmo subversões pelos interlocutores. Tanto é que há momentos em que o entrevistado decide, em função de seus objetivos comunicativos, dirigir “a entrevista, aprovando ou não a ação do entrevistador, fazendo-lhe perguntas, muitas vezes” (Fávero, 2000, p. 80). Há ainda casos em que o entrevistador decide, “a qualquer momento, tomar o turno e mudar o tópico discursivo em desenvolvimento, alterando, assim, a direção da entrevista” (Fávero & Andrade, 1998, p. 3).

Então, embora a relação dissimétrica entre entrevistador e entrevistado tipicamente favoreça o entrevistador, nada garante que os interlocutores ocupem uma mesma posição hierárquica durante toda a interação. Afinal, porque uma entrevista, assim como qualquer atividade interacional, é dinâmica, entrevistador e entrevistado podem se valer de diferentes recursos linguageiros, como as relações de discurso, para interagir e negociar as relações de hierarquia que os liga — como veremos no próximo item.

4. FORMA DE ORGANIZAÇÃO RELACIONAL: AS RELAÇÕES DE DISCURSO INTERATIVAS

De acordo com os estudiosos da Escola de Genebra, qualquer forma de discurso (literária, não literária, oral, escrita, monologal, dialogal) constitui uma interação verbal situada à qual subjaz um processo de negociação, que normalmente é formado por três fases: proposição, reação e ratificação. Nessa perspectiva, um diálogo formado, por exemplo, por uma pergunta (Quantas horas?), uma resposta (São 11h!) e um agradecimento (Obrigado!) materializa um processo de negociação formado por proposição (a pergunta), que desencadeia uma reação positiva (a resposta), que, por sua vez, suscita uma ratificação (o agradecimento) (Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001).

Na Escola de Genebra, todo processo de negociação pode ser descrito do ponto de vista textual. Para isso, essa abordagem propõe um importante instrumento metodológico: a estrutura hierárquica (EH). A estrutura hierárquica é um instrumento por meio do qual o analista pode representar a materialidade textual do processo de negociação. Ela é formada por três tipos de constituintes textuais: trocas, intervenções e atos. De acordo com Roulet (1999a) e Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), a troca é o constituinte textual que representa todo o processo de negociação, ao passo que a intervenção corresponde à representação textual de cada uma das fases que constituem o processo de negociação (proposição, reação e ratificação). Já o ato corresponde ao constituinte textual que se caracteriza como a menor unidade de análise textual do discurso, podendo fazer parte de uma troca ou de uma intervenção (Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001). Para mostrar de que maneira uma negociação é descrita, do ponto de vista textual, pela estrutura hierárquica, apresentamos a seguinte estrutura hierárquica, que representa a materialidade textual do processo de negociação exemplificado no parágrafo anterior:

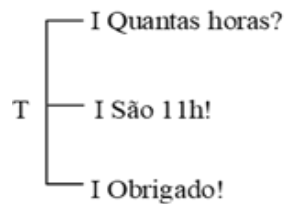


Figura 2 – Exemplo de estrutura hierárquica

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 57), “o desenvolvimento e a conclusão desse processo de negociação são ligados a duas restrições de completude, chamadas monológica e dialógica”. A completude dialógica, a primeira restrição, diz respeito ao alcance do duplo acordo entre os interactantes. Assim, para satisfazer essa restrição, os interactantes devem conduzir a negociação de modo a fazer com que ela atinja uma ratificação. Já a segunda restrição, a completude monológica, diz respeito à necessidade de cada fase do processo de negociação (proposição, reação e ratificação) ser construída pelo locutor de modo que o interlocutor possa considerar que ela constitui uma intervenção obediente a dois tipos de exigência: uma comunicativa e outra ritual. Do ponto de vista comunicativo, a intervenção deve ser avaliada pelo interlocutor como suficientemente esclarecedora, completa e informativa, enquanto que, do ponto de vista ritual, ela deve ser avaliada como pouco ameaçadora para as faces e os territórios em jogo (Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001).

De acordo com Roulet (1999a, 2003, 2006) e Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), a essas duas restrições se ligam dois conjuntos de relações de discurso, que são recursos languageiros que atuam na articulação entre os constituintes textuais e as informações estocadas na memória discursiva⁴. À restrição de completude dialógica se liga o conjunto das relações ilocucionárias, que são: interrogação, pedido, informação, resposta e ratificação. Já à restrição de completude monológica se liga o conjunto das relações interativas, a saber: argumento, contra-argumento, reformulação, topicalização, sucessão, clarificação, preparação e comentário. Com exceção das relações de preparação e clarificação, as relações interativas podem ser sinalizadas por conectores, expressões conectivas, advérbios ou construções sintáticas (Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001):

4. A memória discursiva é definida como o “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores” (Berrendonner, 1983, p. 230).

- a) argumento – *porque, pois, uma vez que, para, como, por exemplo, além de, tanto que, portanto, por consequência, conseqüentemente, etc.;*
- b) contra-argumento – *mas, mesmo que, embora, porém, todavia, apesar de, etc.;*
- c) reformulação – *ou seja, na verdade, isto é, ou melhor, enfim, quer dizer, melhor dizendo, etc.;*
- d) topicalização – *deslocamento à esquerda ou marcadores como quanto a, em/com relação a, no que diz respeito a, no que tange a, etc.;*
- e) comentário – *que, no/a qual, cujo/a, em que, o que, etc.;*
- f) sucessão – *depois de, em seguida, logo após, etc.*

As relações de preparação e clarificação são indicadas pela posição dos constituintes textuais na estrutura hierárquico-relacional do discurso. Enquanto que a relação de preparação ocorre quando um constituinte subordinado⁵ antecede um constituinte principal, a relação de clarificação ocorre quando uma troca subordinada é aberta após um constituinte principal para esclarecê-lo (Roulet, 1999a; Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001).

É muito importante frisar que não é ao próprio locutor que recai a responsabilidade de avaliar a completude de sua intervenção, mas ao interlocutor, conforme as regras contextuais o autorizam. Então, ainda que o locutor se esforce para construir uma intervenção coesa, completa, coerente, bem articulada (exigência comunicativa) e que não coloque em perigo as faces e os territórios dos demais participantes da interação (exigência ritual), a completude monológica dessa intervenção permanece sujeita a eventuais objeções do interlocutor. É justamente nessa perspectiva que, para o MAM, o discurso é dialógico em sua essência. Afinal, no curso de uma interação, o locutor, ao elaborar suas intervenções, efetua “sucessivos processos de ajustamento que podem envolver o interlocutor de forma mais ou menos aberta e que atestam esse caráter fundamentalmente dialógico do discurso monológico” (Roulet, 1986, p. 191).

5. No MAM, a subordinação é uma noção textual, não se confundindo, portanto, com a noção de subordinação sintática ou gramatical. Nesse sentido, a subordinação ocorre quando a existência de um constituinte textual (ato, troca ou intervenção) depende da existência de outro constituinte textual. Nesse caso, o constituinte dependente é subordinado ao constituinte independente, que se caracteriza como principal (Roulet, Filliettaz & Grobet, 2001).

Diante das explicações apresentadas até aqui, procederemos ao estudo hierárquico-relacional da entrevista que constitui nosso *corpus*. Por motivo de espaço, desenvolveremos a análise de apenas um excerto dessa entrevista, como já informado antes. Conforme propõe o módulo hierárquico, esse excerto foi segmentado em atos⁶:

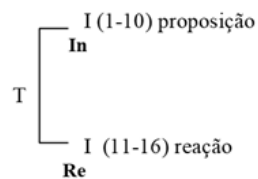
Entrevistadora – (1) É normal que governantes se sintam incomodados com a cobertura da mídia sobre suas gestões. (2) O sr. centra suas críticas à Globo. (3) É um pouco como o ovo e a galinha? (4) A Globo o critica por ser sobrinho do bispo Edir Macedo, (5) dono da concorrente Record, (6) ou o sr, critica a Globo por ser sobrinho dele?

Entrevistado – (7) Não seria uma boa pergunta para um prefeito de uma cidade com tantos assuntos a tratar: (8) enchentes, educação.

Entrevistadora – (9) O sr. trouxe a Globo à conversa, (10) por isso pergunto.

Entrevistado – (11) Há, sim, um preconceito da Globo. (12) Não mostram as coisas boas do governo. (13) Tem uma hashtag famosa, (14) não fui eu que inventei; (15) “Isso a Globo não mostra”. (16) Outra: “O povo não é bobo [abaixo a Rede Globo]”. (...)

Como qualquer produção discursiva, esse trecho de entrevista corresponde, sob a ótica do MAM, a um processo de negociação. Do ponto de vista textual, tal processo de negociação pode ser representado por uma troca, conforme mostra a seguinte macroestrutura hierárquico-relacional⁷:



6. A segmentação dos excertos analisados foi guiada por alguns critérios linguísticos propostos por Rossari (1996), Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) e Marinho (2007). Assim, consideramos como limite entre um ato e outro os sinais de pontuação (ponto final, ponto e vírgula, ponto de interrogação, ponto de exclamação e dois pontos) e os conectores (pois, mas, ou seja, etc.). Ainda, consideramos como atos as orações justapostas e coordenadas, as orações adverbiais e adjetivas explicativas, os sintagmas ou adjuntos adverbiais deslocados à esquerda, os adjuntos adverbiais intercalados, os apostos, os vocativos e as orações adverbiais.

7. In: relação ilocucionária iniciativa;
Re: relação ilocucionária reativa.

Figura 3 – Macroestrutura hierárquico-relacional do excerto

Fonte: Elaboração própria.

O processo de negociação espelhado nessa estrutura é constituído de duas fases: a proposição da entrevistadora, que se textualiza na intervenção formada pelos atos (1-10), e a reação do entrevistado, que se textualiza na intervenção (11-16). A primeira intervenção se liga à segunda por uma relação ilocucionária iniciativa (pergunta), ao passo que a segunda intervenção se liga à sua antecessora por uma relação ilocucionária reativa (resposta).

À primeira vista, o excerto em análise parece simples. Porém, como mostraremos no próximo item, esse excerto é, do ponto de vista da forma de organização estratégica, bastante complexo. Isso se dá em função dos diferentes estabelecimentos de relações de discurso interativas que constituem manobras discursivas com que entrevistadora e entrevistado negociam faces e territórios.

5. FORMA DE ORGANIZAÇÃO ESTRATÉGICA: AS RELAÇÕES DE DISCURSO E A NEGOCIAÇÃO DE IMAGENS IDENTITÁRIAS

Por meio do estudo da forma de organização estratégica (FOE), é possível analisar como e em que medida os interactantes, valendo-se de recursos linguageiros, negociam faces e territórios durante o curso de uma interação. Assim, a proficuidade do estudo da FOE neste trabalho reside justamente no fato de que essa forma de organização possibilita a análise da maneira como, no excerto de entrevista que apresentamos no item anterior, entrevistadora e entrevistado, ao estabelecerem relações de discurso em suas perguntas e respostas, interagem, negociando faces e territórios. Para desenvolver tal análise, é necessário combinar informações de ordem referencial, hierárquica e relacional, expostas nos itens anteriores.

Conforme explicamos no último item, a restrição de completude monológica revela o caráter essencialmente dialógico da construção do discurso. Então, se, no curso de uma negociação, o interlocutor julga que a intervenção do locutor, do ponto de vista comunicativo, não é suficientemente completa, esclarecedora, coerente, informativa ou, do ponto de vista ritual, expõe ao perigo as faces e os territórios em cena, ele pode fazer uma objeção (Cunha, 2020b).

A objeção, segundo Cunha (2020b), é um recurso por meio do qual o interlocutor, sinalizando que a intervenção do locutor não alcança a completude monológica, coloca a sua imagem identitária em risco. Isso ocorre porque, com a objeção, o interlocutor ataca a face do locutor, atribuindo a ele valores sociais reprováveis, como inabilidade ou incapacidade de construir um texto suficientemente completo, informativo ou que evite prejuízos para as faces e os territórios alheios. Ao mesmo tempo, o interlocutor, com a objeção, invade o território do locutor, na medida em que restringe suas possibilidades de ação, obrigando-o a fazer uma retratação e/ou completar ou esclarecer seu texto (Cunha, 2020b).

De acordo com Cunha (2019, 2021b), a objeção à completude monológica da intervenção do locutor pode se textualizar em uma troca subordinada. Essa troca representa, no nível textual, um processo de negociação secundário iniciado pelo interlocutor para pedir esclarecimentos ao locutor a respeito da completude monológica de sua intervenção ou ainda para comentar essa intervenção.

Nesse espaço em que as faces dos interactantes são colocadas em confronto, o plano da articulação textual da organização discursiva — isto é, o plano relativo às relações de discurso interativas — desempenha um importante papel. Isso se dá em função não apenas do fato de que essas relações, como explicamos no item anterior, se ligam à restrição de completude monológica, mas também à consideração de que, como afirma Cunha (2020b, p. 153), são indissociáveis “o estabelecimento das relações de discurso e o processo de construção conjunta de imagens identitárias”. Em outras palavras,

uma relação de comentário, reformulação, condição ou outra é um recurso semiótico que permite ao locutor realizar ações conjuntas, tentando se fazer compreendido pelo interlocutor e negociando com ele imagens identitárias (Cunha, 2020b, p. 155).

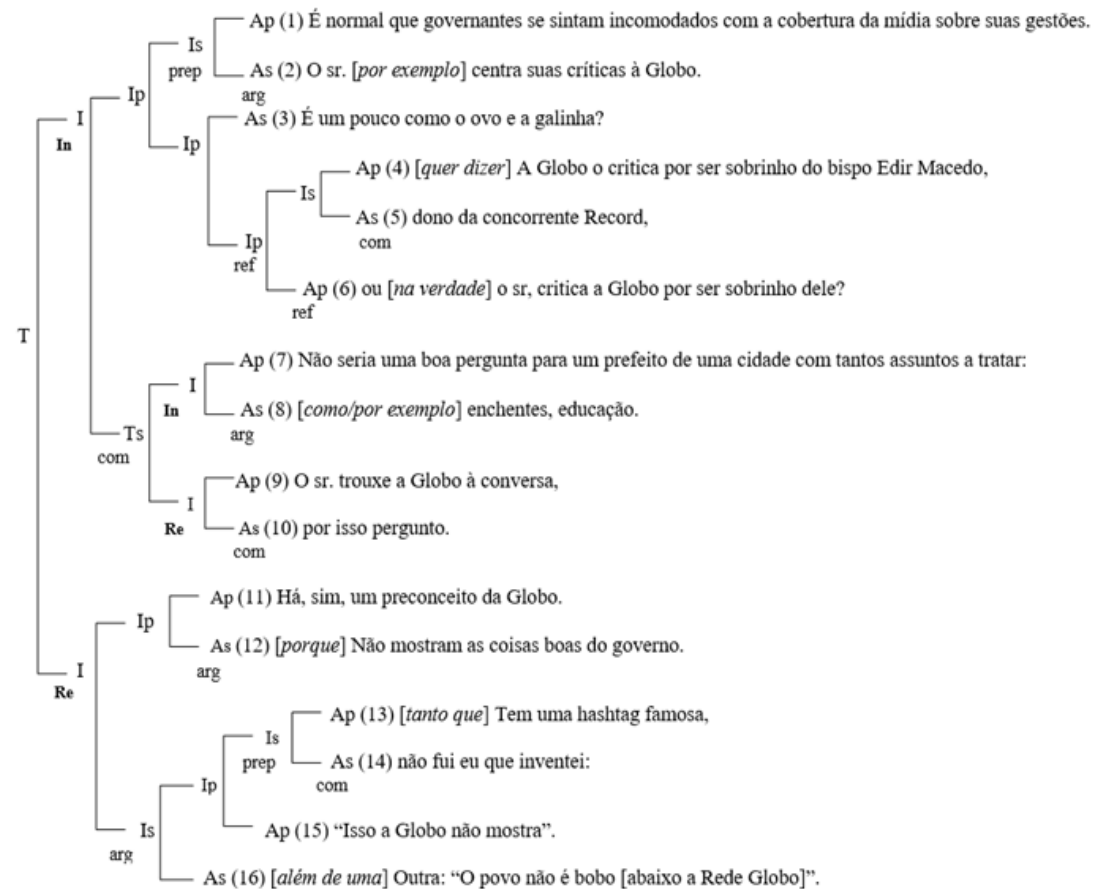
Assim, trazer argumentos para sustentar uma opinião, comentar, preparar ou reformular partes de um texto correspondem a manobras discursivas que os participantes de uma interação realizam para tentar alcançar a completude monológica e, assim, gerir faces e territórios (Cunha, 2020a, 2020b, 2021).

8. Ip: intervenção principal; Is: intervenção subordinada; Ap: ato principal; As: ato subordinado; Ts: troca subordinada; arg: argumento; prep: preparação; com: comentário; ref: reformulação.

Para analisar o funcionamento das relações de discurso interativas na gestão de faces e territórios no excerto da entrevista entre Anna Virginia Balloussier e Marcelo Crivella, vamos observar, a seguir, a organização textual-hierárquica mais detalhada desse excerto⁸:

Figura 4 – Estrutura hierárquico-relacional detalhada do excerto

Fonte: Elaboração própria.



Merece um olhar mais atento a intervenção de pergunta (1-10), que é construída tanto pela entrevistadora quanto pelo entrevistado, na medida em que este abre uma troca subordinada (Ts) na intervenção de pergunta daquela:

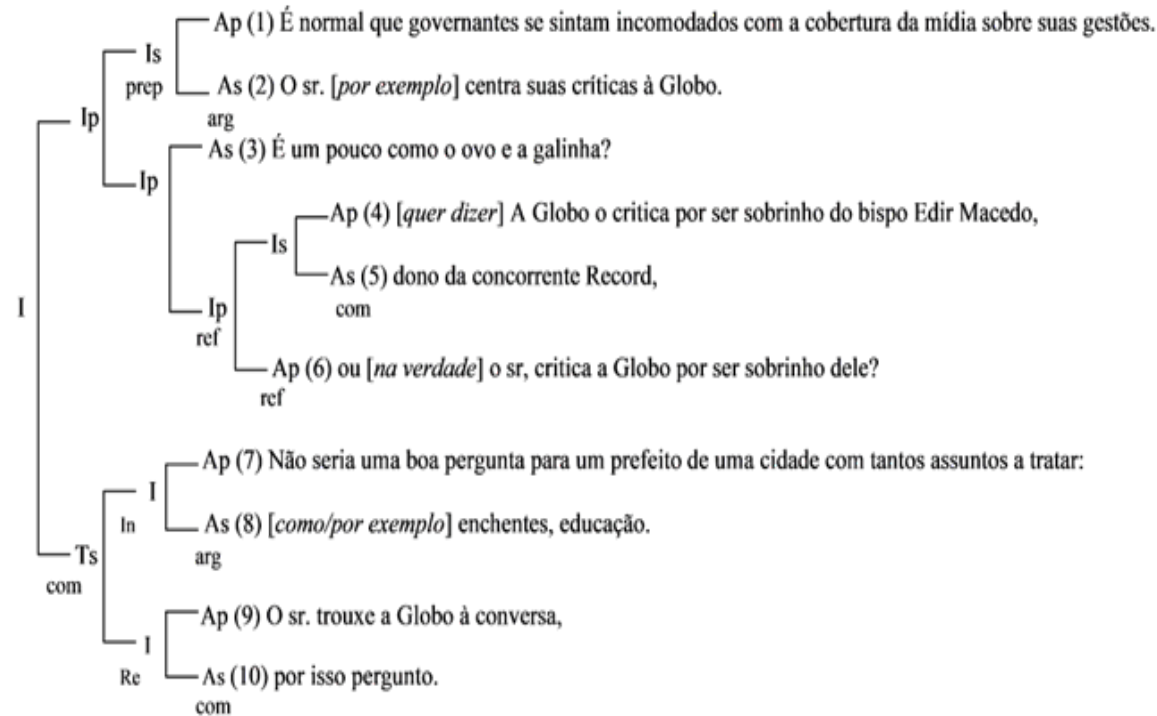


Figura 5 – Estrutura hierárquico-relacional da intervenção (1-10)

Fonte: Elaboração própria.

Os atos (1) e (2) se ligam por uma relação de argumento, que, embora não tenha sido marcada, pode ser explicitada com a inserção de uma expressão conectiva argumentativa como *por exemplo* entre os dois atos. Com o ato (2), a entrevistadora exemplifica a informação ativada no ato (1), ou seja, ela apresenta Crivella como um exemplo de governante incomodado com a cobertura da mídia sobre sua gestão. Esses dois atos constituem uma intervenção de preparação para a intervenção principal formada pelos atos (3-6).

No interior da intervenção (3-6), há duas ocorrências não marcadas da relação de reformulação. A primeira, que se dá entre o ato (3) e a intervenção (4-6), pode ser explicitada por meio da inserção de uma expressão reformulativa como *quer dizer* entre esses constituintes textuais. Já a segunda, que liga a intervenção (4-5) ao ato (6), pode ser explicitada por meio da inserção da expressão reformulativa *na verdade* no ato (6). O estabelecimento dessa relação interativa funciona como uma manobra discursiva por meio da qual a entrevistadora reelabora o ato (3) e a intervenção (4-5), de modo a tentar construir uma intervenção de pergunta que possa ser julgada por Crivella e pelo público de leitores da *Folha de S. Paulo* como suficientemente completa, informativa e bem articulada. Com o uso dessa relação de discurso, a entrevistadora tenta evitar eventuais objeções do entrevistado, como “Ovo e galinha, como assim? Você pode ser mais clara?”, “Não entendi a metáfora... Como ela poderia se aplicar à minha relação com a Globo?”. Bloqueando essas objeções, a entrevistadora poupa sua face e seu território de ataques que poderiam ser causados por elas.

Além disso, ao auxiliar a entrevistadora a construir uma intervenção de pergunta que possa ser avaliada pelo outro como suficientemente completa, bem articulada, informativa e pouco ou nada ameaçadora às faces e os territórios em jogo, o estabelecimento da relação de reformulação permite à entrevistadora reivindicar para si a imagem de uma repórter profissional e preparada, que sabe produzir perguntas esclarecedoras e informativas.

Uma prova de que o emprego da relação de reformulação é bem sucedido, no que diz respeito ao atendimento da restrição comunicativa da completude monológica, é o fato de que o entrevistado não direciona à intervenção de pergunta da entrevistadora objeções como as que mencionamos.

No entanto, apesar de a jornalista ter se esforçado para construir uma intervenção que pudesse ser avaliada como suficientemente completa e esclarecedora pelo entrevistado, ela não previu a possibilidade de Crivella elaborar uma objeção para sinalizar um problema de natureza ritual em sua fala. É justamente isso que ocorre em seguida: o prefeito produz a intervenção

formada pelos atos (7-8), que inicia um processo de negociação secundário para indicar que seu território foi invadido pela entrevistadora.

Na estrutura hierárquico-relacional, esse processo de negociação secundário se materializa em uma troca subordinada com função de comentário metadiscursivo⁹ (cf. Cunha, Braga, 2016, 2018; Braga, 2021) que se liga à intervenção de pergunta da entrevistadora. A metadiscursividade, neste caso, se explica com a ação verbal de Crivella de retomar a fala da jornalista para comentá-la avaliativamente, de modo a deixar explícita a sua percepção de que a pergunta da repórter expõe informações sobre si que, a seu ver, têm de ser resguardadas.

Ao abrir a Ts com função de comentário metadiscursivo, Crivella não apenas tenta reparar a intromissão em seu território, mas também atacar a face da entrevistadora. O ataque à face da repórter reside justamente no fato de que, ao abrir a troca subordinada, o então prefeito do Rio coloca em evidência a pouca habilidade dela de elaborar uma pergunta adequada a uma entrevista jornalística e, conseqüentemente, põe em dúvida a sua capacidade profissional para atuar como jornalista. Como se isso não bastasse, a abertura da Ts com função de comentário metadiscursivo também atua como um mecanismo por meio do qual o entrevistado invade o território da entrevistadora, já que, diante dessa troca subordinada, ela se vê obrigada a explicar e/ou justificar a sua pergunta inicial.

É interessante notar também que o estabelecimento da relação de comentário metadiscursivo impacta diretamente a relação dissimétrica entre a entrevistadora e o entrevistado. Conforme explicamos no item 3, em entrevistas, o entrevistador tipicamente ocupa um lugar interacional superior, podendo, em razão disso mesmo, escolher e introduzir tópicos, orientar e/ou reorientar o curso do encontro (Schneuwly, Dolz, 1999; Kerbrat-Orecchioni, 2006). Porém, no excerto em análise, essa relação dissimétrica entre os papéis de entrevistador e entrevistado é ajustada por Crivella no momento em que ele estabelece a relação de comentário metadiscursivo para avaliar negativamente a pergunta elaborada pela entrevistadora. Em outros termos, o entrevistado, ao abrir uma nova troca, subordinando-a à intervenção de pergunta da entrevis-

9. O comentário metadiscursivo é uma “relação de discurso por meio da qual o locutor emprega um segmento de discurso representado para comentar, avaliando, uma informação da memória discursiva cuja origem é o comportamento linguageiro do próprio locutor (comentário metadiscursivo autofônico), do interlocutor (comentário metadiscursivo diafônico) ou de terceiro (comentário metadiscursivo polifônico).” (Cunha, Braga, 2018, p. 186).

tadora por meio da relação de comentário metadiscursivo, desaprova o questionamento feito pela repórter e, assim, tenta alterar a direção da entrevista (Fávero & Andrade, 1998, 2000). Nesse sentido, o uso dessa relação de discurso também funciona como um recurso por meio do qual o entrevistado, em uma tentativa de subverter a relação de hierarquia que o liga à entrevistadora, se coloca em uma posição interacional superior em relação à posição ocupada pela jornalista.

No interior da intervenção de Crivella que abre a Ts, os atos (7-8) se articulam por uma relação de argumento: o ato (8) introduz um argumento de exemplo para a informação expressa no ato que o precede. Assim, para o prefeito entrevistado, perguntas cujo tópico seja *enchentes* ou *educação* são apresentadas como exemplos de perguntas mais importantes e pertinentes do que a pergunta feita anteriormente pela entrevistadora. Apesar de a relação de argumento não ter sido marcada pelo entrevistado, ela pode ser explicitada por meio da inserção de uma expressão conectiva argumentativa como *por exemplo* no ato (8).

Essa relação de argumento parece funcionar como um mecanismo de proteção à face e ao território do prefeito. Isso porque o político, por meio de tal relação de discurso, já adianta informações que poderiam ser cobradas pelo jornalista em uma eventual objeção, como “de quais outros assuntos podemos tratar?”. Uma objeção desse tipo certamente invadiria o território de Crivella, na medida em que o obrigaria a listar os assuntos que julga relevantes para uma entrevista. Além disso, causaria danos à face do político, explicitando a incompletude de sua fala e construindo para ele a imagem de uma pessoa que, embora critique os assuntos abordados nas perguntas da entrevistadora, não é capaz de propor outros tópicos. A relação de argumento em questão também funciona como um recurso estratégico utilizado pelo entrevistado para invadir o território da entrevistadora. Isso porque, ao usar essa relação de discurso para indicar à jornalista possíveis assuntos nos quais a interação deveria se centrar, o então prefeito do Rio tenta limitar as possibilidades de ação da repórter.

Ainda no nível interno da Ts, Anna Balloussier elabora uma reação à proposição de Marcelo Crivella com a I (9-10). Nessa intervenção de reação, o ato (10) se liga ao ato (9) por uma relação de comentário metadiscursivo. Assim, com o ato (10), a jornalista explicita para Crivella que a razão da pergunta “A Globo o critica por ser sobrinho do bispo...?” é alicerçada no argumento de que o próprio prefeito, em um momento anterior na entrevista, trouxe a emissora carioca como tópico da interação. Dessa forma, a entrevistadora, ao estabelecer a relação de comentário metadiscursivo – retomando a sua própria fala para evidenciar ao entrevistado a motivação da sua pergunta –, realiza uma manobra estratégica para reparar ou mitigar o dano que a sua face sofreu com a abertura da troca subordinada pelo entrevistado.

Após o fechamento da Ts com a intervenção de reação da entrevistadora, Crivella julga que agora pode dar prosseguimento ao processo de negociação principal. Ele, então, elabora a seguinte intervenção para reagir à proposição de sua interlocutora:

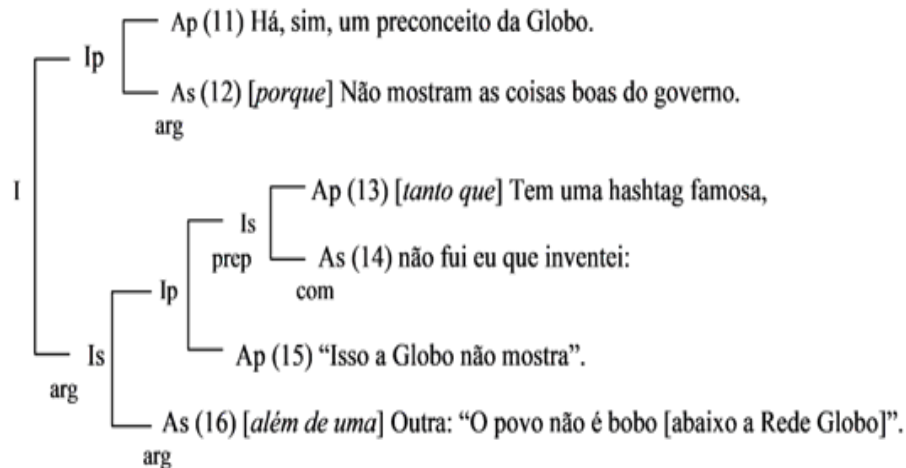


Figura 6 – Estrutura hierárquica da intervenção (11-16)

Fonte: Elaboração própria.

Como mostra essa estrutura hierárquico-relacional, a relação de argumento é a mais utilizada na intervenção de resposta produzida por Crivella. Na primeira ocorrência, embora essa relação de discurso, que articula os atos (11-12), não tenha sido marcada, é perfeitamente possível inserir um conector argumentativo como *porque* ou *pois* entre esses dois atos.

Nessa primeira ocorrência, a relação de argumento funciona como um mecanismo de proteção à face e ao território de Crivella, uma vez que, por meio de seu estabelecimento, o então prefeito do Rio adianta na intervenção por ele produzida uma informação que poderia ter sido cobrada pela entrevistadora em objeções como “por que a Globo é preconceituosa?”, “em que sentido a Globo é preconceituosa?”. Essas objeções certamente implicariam prejuízos à imagem identitária do entrevistado, na medida em que evidenciariam que ele constrói críticas à emissora de tv, mas é incapaz ou não domina a habilidade de sustentar tais críticas com argumentos razoáveis. Além disso, o uso da relação de argumento reforça o ataque já feito à face Rede Globo no ato (11), permitindo ao entrevistado atribuir à face da emissora um valor negativo: a omissão.

Na segunda ocorrência, a relação de argumento introduz a Is (13-16), que funciona como um argumento para comprovar a crítica construída na Ip (11-12). Essa relação de discurso, que poderia ser marcada com uma expressão conectiva como *tanto que*, serve para apresentar a Is (13-16) como um argumento de comprovação ou evidência. Tal argumento é fundamentado na informação de que existem hashtags na internet que foram criadas apenas para desaprovar/maldizer a Rede Globo. Assim, estabelecendo a relação argumentativa, Crivella busca comprovar que a crítica feita em (11-12) não é mera antipatia sua em relação à emissora de tv, mas o reflexo do modo como ela é vista pelos brasileiros que criaram e/ou compartilharam as *hashtags* mencionadas por ele. Desse modo, a relação de argumento atua como um relevante mecanismo do qual o então prefeito do Rio se vale para acentuar e sustentar o ataque já feito à face da emissora carioca nos atos (11-12).

Na terceira ocorrência, a relação de argumento - que, embora seja sinalizada por um marcador linguístico específica, pode ser indicada por uma expressão conectiva argumentativa como *além desta outra ou além de uma outra* - é utilizada pelo entrevistado para ligar o ato subordinado (16) à intervenção principal (13-15). No ato (16), Crivella apresenta um argumento suplementar, ou seja, a informação que expressa a existência de outra *hashtag* criada por internautas brasileiros para se opor à Rede Globo, como se não bastasse apenas mencionar no ato (15) a *hashtag* “Isso a Globo não mostra”. Nessa perspectiva, a relação de argumento, por permitir que Crivella introduza em sua intervenção mais uma informação prejudicial à imagem da Globo (a *hashtag* “O povo não é bobo”), funciona como uma manobra estratégica para reforçar o ataque à face da emissora.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho apresentando o objetivo de analisar o papel que as relações de discurso desempenham no processo de figuração entre entrevistadora e entrevistado em um excerto de entrevista jornalística escrita veiculada pela *Folha de S. Paulo*. Explicamos que esse objetivo se sustenta na constatação de Cunha (2015, 2020a, 2020b) segundo a qual os estudos sobre relações de discurso, de modo geral, não têm como propósito central estudar o funcionamento dessas relações e de seus marcadores no processo de negociação de imagens identitárias. Em seguida, apresentamos em linhas gerais a abordagem teórico-metodológica em que nos fundamentamos para alcançar tal objetivo: o Modelo de Análise Modular do Discurso.

Baseada nos conceitos teóricos e nos instrumentos metodológicos propostos pelo modelo modular, a análise desenvolvida explicitou que as relações de discurso interativas, muito mais do que meros elementos de articulação textual, de fato funcionam como recursos essencialmente interacionais, na medida em que auxiliam os interactantes a gerenciar faces e territórios.

Entrevistadora e entrevistado, na busca por fazer com que suas intervenções sejam analisadas um pelo outro como suficientemente completas e adequadas, ou seja, como intervenções que alcançam a completude monológica, se valem de relações de discurso interativas (argu-

mento, contra-argumento, reformulação, preparação, etc). É nesse sentido que o estabelecimento de tais relações pode ser compreendido como uma manobra discursiva fundamentalmente interacional. Afinal de contas, por possibilitar que os interactantes tentem alcançar a completude monológica, evitando objeções um do outro e, conseqüentemente, os prejuízos que essas objeções podem causar às suas faces e aos seus territórios, as relações de discurso auxiliam entrevistadora e entrevistado a interagir.

Com base no estudo que desenvolvemos, pudemos constatar que as relações de discurso interativas também desempenham um papel fundamental na manutenção - mas também na subversão - das posições interacionais ocupadas por entrevistadora e entrevistado. Dessa forma, podemos concluir que as relações de discurso interativas, enquanto recursos interacionais, são de suma importância em uma interação como a entrevista jornalística, atuando especialmente no processo de negociação de faces e territórios desenvolvido pelos interactantes.

BRAGA, PALOMA BERNARDINO & BRITO, DANIEL MARTINS DE; *O estabelecimento de relações de discurso como manobra discursiva no processo de gestão de faces e territórios em uma entrevista jornalística / The establishment of discourse relations as a discursive maneuver in the process of managing faces and places in a journalistic interview*

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 91-117

REFERÊNCIAS

Berrendoner, A. (1983). “Connecteurs pragmatiques” et anaphore. (V. 5). Genebra: Cahiers de linguistique française, pp. 215-246.

Braga, P. B. (2021). *O papel do comentário metadiscursivo em debate eleitoral polilocal: estratégia discursiva no jogo de faces* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório UFMG. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/40190>.

Charaudeau, P. (2013). *Discurso das mídias* (2.^{ed}). São Paulo: Contexto.

Cunha, G. X. (2014). *Para entender o funcionamento do discurso: uma abordagem modular da complexidade discursiva*. Curitiba: Appris.

_____(2015). *As relações retóricas e a negociação de faces em debate eleitoral*. *Confluência*, pp. 205-238.

_____(2020a). *Elementos para uma abordagem interacionista das relações de discurso* (V. 36). Montevideu: Linguística, pp. 107-129.

_____(2020b). Uma abordagem interacionista para o estudo do papel das relações de discurso na construção conjunta de imagens identitárias. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 22(2), 151-170.

Cunha, G. X., & Braga, P. B. (2016). O comentário metadiscursivo como estratégia argumentativa em debates eleitorais. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, pp. 101-118.

_____(2018). Definindo o comentário metadiscursivo em uma perspectiva interacionista da Análise do Discurso. *Scripta*, 22(44), 171-188.

Essenfelder, R. (2005). Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVel*, 3(4), 1-23.

Fávero, L. L. (2000). *A entrevista na fala e na escrita. Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, pp. 79-97

Fávero, L. L., & Andrade, M. (1998). *Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. Estudos de língua falada—variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, pp. 153-177.

Goffman, E. (1973). *La mise en scène de la vie quotidienne* (V. 2). Paris: Minuit.

_____(2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.

Hoffnagel, J. C. (2002). *Entrevista: uma conversa controlada. Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 180-193.

Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da conversação: princípios e métodos*. Parábola.

Malta, A. T. A. (2015). *Proximidade e afastamento: diferenças entre a entrevista pessoal e a distância*. Repositório Universidade de Brasília. https://bdm.unb.br/bitstream/10483/11684/1/2015_AnaTeresaAlvesMalta.pdf

Rossari, C. (1996). Identification d'unités discursives: les actes et les connecteurs. *Cahiers de Linguistique Française*, (18), 157-177.

Roulet, E., Auchlin, A., Moeschler, J., & Rubattel, C. (1987). *L'articulation du discours en français contemporain* (V. 11). Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag Der Wissenschaften.

Roulet, E. (1980). Stratégies d'interaction, modes d'implicitation et marqueurs d'illocutoire in Actes de langage et structure de la conversation. *Cahiers de linguistique française*, (1), 80-103.

_____(1986). Complétude interactive et mouvements discursifs. *Cahiers de linguistique française*, (7), 189-206.

_____(1987). Complétude interactive et connecteurs reformulatifs. *Cahiers de linguistique française*, (8).111-140.

_____(1988). Variations sur la structure de l'échange langagier dans différentes situations d'interaction. *Cahiers de linguistique française* (9), 27-37.

_____(1991). Vers une approche modulaire de l'analyse du discours. *Cahiers de linguistique française*, (12). 53-81.

_____(1992). On the structure of conversation as negotiation. In H. Parret & J. Verschueren, (On) Searle on Conversation (Eds.), pp. 91-100.

_____(1996). Une description modulaire de l'organisation topicale d'un fragment d'entretien. *Cahiers de linguistique française*, (18), 11-32.

_____(1997). A modular approach to discourse structures. *Pragmatics*, 7(2), 125-146.

_____(1999). *La description de l'organisation du discours: du dialogue au texte*. Paris: Didier.

_____(1999a). Um modelo e um instrumento de análise sobre a organização do discurso. Mari, H. et al., *Fundamentos e dimensões da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, pp.139-166.

_____(2003). Une approche modulaire de la problématique des relations de discours. Mari, H. et al., *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, pp. 149-178.

BRAGA, PALOMA BERNARDINO & BRITO, DANIEL MARTINS DE; *O estabelecimento de relações de discurso como manobra discursiva no processo de gestão de faces e territórios em uma entrevista jornalística / The establishment of discourse relations as a discursive maneuver in the process of managing faces and places in a journalistic interview*

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 91-117

Roulet, E. (2004). Les relations de discours rhétoriques et praxéologiques dans la description des propriétés des constituants parenthétiques. *Travaux de linguistique*, (2), 9-17.

_____(2006). The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. In K. Fischer, *Approaches to discourse particles*. Brill. pp. 115-131.

Roulet, E., Filliettaz, L., & Grobet, A. (2001). *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag Der Wissenschaften.

Schneuwly, B., & Dolz, J. (1999). Os gêneros escolares. Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista brasileira de educação*, (11).

